



de regresso a Herbais:

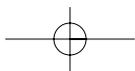
Sentimentos sobre a música frontal

I

_____ os dois homens nus ao piano. Piano de volume, e lustro. A vibração de um — o que está em primeiro plano —, oculta o outro, que até me poderia parecer vestido. O teclado do piano responde intensamente ao primeiro, mas não exclui o segundo que, se está nu, é porque se vê claramente a nudez do primeiro. A nudez do primeiro não é de tipo físico incluindo, no entanto, o corpo que transparece, na sua soberania, através do andamento musical. Que reflui sempre sobre essa imagem forte que, todavia, nunca vira o homem para mim. O seu sexo permanecer-me-á oculto. Mas, como palavra, a música oxida-se nele, substitui-se ao seu primeiro sentido inicial e, sem despiste nem perder, ouço-a mais longe, envolvendo as colunas do claustro, sobre o balcão corrido, em torno de imagens arrebatadas de outrora — o botão de rosa mística.

O homem nu que toca tem músculos de música frontal, uma ramagem erótica por sexo, que desce dos ombros até ao teclado do piano.

É nessa ramagem que centro a minha atenção, e nos cabelos fartos que sob a luz, as luzes da ribalta, são de uma espécie diurna. Atraem a atenção. Podem ostentar qualquer sexo desejado como sinal de realeza, mas de uma realeza de ler.



Nesse momento, lêem sonoridades. E, no texto que estou a ler, os textos subitamente tornam-se silenciosos, por momentos, renunciam.

Mas eu, a legente acordada para escrever, não renuncio. Transformo-me em amante, ou musicante, *naquela que não praticava esse saber que acorda*, por entre o luar libidinal que emana dessa crina abundante de onde vejo brotar a música. Nada entendo — eu —, que olha o possante e móvel homem nu da matemática musical daquelas equações e abismos. Sinto uma dor no centro do meu fechamento. Fico, naquela zona, mais inteligente através dele. É para o meu sexo que ele toca. O texto faz um silêncio total, adquire-o, ou seja, a escrita que a música celebra não tem mancha de ruído — não é livro, apenas o fluir de um escrito que se funde com as imagens arrebatadas de outrora. Mas, depois, pula sobre os ombros do homem — sem ser cavalo, nem peixe —, resvala pela sua ramagem, e cai no teclado do piano num salto mortal conseguido.

Mas que sucederia *depois*, se a inclinação musical e o escrito se calassem na luta de se abraçar, penetrantes e receptivos, um ao outro?

A luta chispante é o meu deslumbramento perante o homem nu sentado ao piano no combate consigo mesmo sendo quatro mãos com o seu companheiro que lhe entregou voluntariamente as suas — e desapareceu. Levanta-se-me o espírito e vai debruçar-se sobre o piano gigantesco, à luz das velas, talvez porque deseje impressionar-me a mim mesma pois toda a comunidade atenta se tornou um território sentado de árvores. A música ressoa através dessa ramaria, impregnada de textual como um cheiro que percorre as almas no único intuito de as devastar.

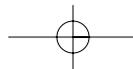
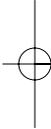
Nada

acaba definitivamente se aceitarem, por um momento, que ouvem o músico, tal um divino executante, com a minha escrita. O homem nu manifestando a nossa força, através da música, e nos solicitando para uma escrita ligeira e leve que reflita o piano-sem-peso — vibrátil como um pente nos cabelos. Para um narrativo paralelo ao texto que tanto amo. Onde

estiver a nostalgia do homem nu, está o meu lugar de escrita. No desconforto de uma vida que se termina em noite, numa pergunta que há-de renascer (ou ressuscitar?) em afirmação _____ por que é esta paixão pelo texto, ao contrário das paixões humanas, inextinguível? A música deve conhecer o eu, o coração das teclas, ou o fluir das palavras? A ponta dos dedos deve assentar sobre as imagens? Porque, enfim, o desejo forte e móvel expira, os sexos fecham-se e murcham, o amor tecido flui repelindo os amantes para o chão (ou arrancando os corpos à sonoridade?). Coloco o texto no olhar da paixão extinta.

As quatro mãos do músico nu no sexo caído *daquele* homem. Deitamos a mulher que não suporta o fim no alto da ramagem. Eis o que realiza a música do homem nu quando o último acorde soou, e ele se levantou do piano e se vestiu. E pensei que a comunicabilidade das artes — mesmo a de amar — não tem poder.

Quando, já morta, atravesso a rua (ou tem?, pergunto), vejo o nu reflectido no rio que dela corre. A *comunicabilidade* das artes (que palavra estranha!), mesmo a de textualizar, ou seja, a de tornar o amor infinito, seria apenas uma melancólica constatação da noite. Se essa certeza me acompanha, a sensação, no entanto, de ter escrito uma *coisa firme* sobre o conhecimento e o seu amor não me abandona. Quem se reconhece libido nua, na presença do piano, está a ser levantado pelo texto, e as consequências da música são imprevisíveis, e não têm fim.



II

_____aprendi com a linguagem de Hallâj que, onde
não há nada, há muito para dizer,
que, onde há muito para dizer, há nada
que o texto corre um risco mortal se ligar as duas frases por
vice-versa
que elas são dois lados do corpo, o sensual e o volitivo
que o corpo é materialmente frases
que material e literal não têm diferentes
que nesse indiferente é essencial não ligar o intelectivo a qual-
quer lógica
que, por mais que ande, a alma está sempre a tempo de pôr
ordem (o referido vice-versa) no seu caminho_____ pôr or-
dem sem trazer retorno

que o invisível, quando se sensualiza, abre à linguagem cami-
nhos que o narrativo obliterou com a tampa do piano, os mu-
ros baixos do real, as ténues paredes da vida

que, chegado a esse ponto, o por escrever tem uma visibilida-
de sem fim que, por isso, a nova linguagem é fácil, e se re-
produz por si mesma, contendo em si o próprio princípio de
existir